

AUTISMO

O QUE A IGREJA
PRECISA SABER PARA
SER SOLIDÁRIA



INTRODUÇÃO

- Como o povo de Deus vive num mundo caído, sujeito as contingências e finitude, a condição do autismo e outras comorbidades se tornam alvo de grande interesse por parte dos membros da igreja e seu corpo de liderança.
- Dito isto, esta palestra tem como objetivo apresentar uma noção real do autismo, antecipar algumas condutas inócuas na abordagem do assunto e, por fim, apresentar uma proposta básica para a ação da igreja local.



I. A DURA REALIDADE DO AUTISMO

- Os primeiros diagnósticos sobre o autismo vieram no final do século passado, quando se notou um padrão diferente de comportamento que não cabia mais nos diagnósticos de esquizofrenia.

- Numa linguagem simples existem um consenso nos seguintes aspectos (Sadock, Sadock e Ruiz 2017, p. 1157):
 1. *Comunicação sob constante prejuízo* – dificuldade para estabelecer uma conversa normal; adequação aos comportamentos sociais; não olhar nos olhos, por exemplo.
 1. *Repetições de comportamentos, interesses e atividades* – alinhar carrinhos em fileiras, repetição de partes da frase, rotina ultra fixa.

- Esses são exemplos básicos relatados nos manuais de saúde mental foram apresentados aqui em forma de resumo e de forma alguma podem ser analisados *fora da história social de cada paciente acompanhado pelos profissionais de saúde.*

- Outros relatos dão conta de choro sem motivo aparente, desconfortos intestinais, andar na ponta dos pés, solidão e insônia. (Martins 2015, p. 20)
- Em outros termos, “as variações transitam pela tríade de deficiências nas áreas social, de comunicação e de comportamento, mas nem sempre aparecem juntas no mesmo caso. (Silva 2012, p. 64)



II. FRASES E ATITUDES INÚTEIS PARA OS QUE
LIDAM COM O AUTISMO

“ESSE MENINO PRECISA DE DISCIPLINA.
ELE É ASSIM PORQUE FAZ TUDO O QUE
QUER”.

O povo da Bíblia sabe da necessidade de desencorajar o comportamento errado das crianças – e isso, deve ser feito conforme a Palavra de Deus ordena. No caso dos autista, a força física deve ser usada para proteger a criança nos momentos de crise – por exemplo, por causa de um frustração ou sem um motivo aparente, uma criança autista pode “bater a cabeça contra a parede”. O manejo requer “manter uma atmosfera calma, com a menor quantidade de estímulos possíveis, sem confrontação direta do paciente com conteúdo difíceis” (João Quevedo 2014, p. 215)

“O FILHO DE FULANO FOI CURADO
COM ESTE E AQUELE TRATAMENTO”.

Não existe cura conhecida pela medicina. Existe uma melhor qualidade de vida com uso de algumas drogas administradas pelo médico somada a uma rede de apoio com outros profissionais: fonoaudiólogo, psicólogos e neuropediatras.



- Ainda não há tratamento que prova a cura do autismo. Uma intervenção precoce e adaptada nos planos comportamentais, educativos e psicológicos aumenta consideravelmente as possibilidades de aquisição de linguagem e outros meios de comunicação não verbal, de interação social e de autonomia.
(Amaury Cantilino 2017, p. 271)



- Lambert está correto quando diz:
“treinamos nossos conselheiros no sentido que é melhor deixar as questões práticas acerca do uso de medicação para os médicos que as podem receitar”
(Lambert, O Evangelho e as doenças da mente 2017, p. 11)

“PAIS ESPECIAIS RECEBEM FILHOS ESPECIAIS”.

O lidar com o autista requer mais que frase de efeito, por isso é importante aprender a arte de ignorar – por exemplo, “ignore os julgamentos daqueles que não entendem e confie naquele que conhece o seu filho melhor do que você (Sl 139.1-18).” (Hoopmann 2018, p. 45)



III. A COMUNHÃO DOS SANTOS E OS AUTISTAS

- Os autistas vivem no seu mundo, mas isso não significa que eles não estão inseridos em redes sociais. Eis as principais redes de apoio que eles podem ter:

FAMÍLIA:

A principal rede sociais de apoio dos autistas é o seu lar. Pai e mãe devem ser os melhores amigos dele (Salmo 128). Eles são facilmente influenciáveis e muito carentes em dado momento da vida. É importante que os pastores e conselheiros saibam aconselhar o coração dos pais e estabelecer conexão com os autistas. Do jeito deles, os autistas prestam atenção nas coisas.

IGREJA ACOLHEDORA:

Cada comunidade possui uma liturgia organizada. Os autistas possuem outra liturgia. Alguns até conseguem frequentar a igreja, mas do jeito deles – ficam em pé, falam alto, choram, reclamam do som, da luz e querem que o culto acabe logo para brincar.

É possível que eles tenham uma crise no meio do culto. Isto, posto o povo de Deus pode acolher melhor esses com treinamento através de palestras sobre o autismo, estratégias de manejo nas horas de crise e, especialmente, agindo como Paulo ensinou: **chorar com os que choram e se alegrar com os que se alegram.**

RELACIONEMOS BELOS E SANTOS:

Não se iludam! As pessoas podem ser altamente tóxicas e ofensivas sem dar a mínima se a criança é autista ou não. Cabe aos pais lutar com eles para estejam cercados pelas pessoas que querem ajudar o autista a ter uma vida melhor. A comunhão dos santos deve ser o ambiente deles. A congregação deve abraçar os autistas para que eles aprendem, do jeito deles, o Evangelho de Cristo e os mandamentos do Senhor.

CONCLUSÃO

- Nessa jornada, uma frase que ouvi do pastor e psiquiatra Edenildo Lopes Fonteles muito nos ajudou: lidar com um autista é uma jornada de amor e paciência. Sejam os melhores amigos dele. Há momentos de grande tristeza e dor física, às vezes saímos machucados na alma e no corpo, mas o Senhor não nos prova além do que podemos suportar, junto com a provação ele nos dá o escape. Ele também nos dá esperança da restauração de todas as coisas, e isso inclui os autistas. Um dia, abraçaremos nossos filhos sãos e salvos.

REFERÊNCIAS

- Amaury Cantilino, Dennison Monteiro. *Psiquiatria Clínica: um guia para médicos e profissionais de saúde mental*. Rio de Janeiro: MedBook, 2017.
- Association, American Psychiatric. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. Washington: American Psychiatric Publishing, 2013.
- Collins, Gary R. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- Cunha, Eugênio. *Autismo e inclusão*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2015.
- Dalgarrondo, Paulo. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2019.

REFERÊNCIAS

- Feldman, Robert S. Introdução à Psicologia. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- Hoopmann, Kathy. Transtornos do espectro autista. São José dos Campos: Fiel, 2018.
- Hubach, Stephanie O. Same lake different boat. Phillipsburg: P&R Publishing, 2006.
- João Quevedo, André F. Carvalho. Emergências Psiquiátricas. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- Kearney, Christopher A. Transtornos de comportamento na infância. São Paulo: Centage Learning, 2012.
- Lambert, Heath. O aconselhamento bíblico depois de Jay Adams. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

REFERÊNCIAS

- —. O Evangelho e as doenças da mente. Eusébio: Peregrino, 2017.
- MacDonald, James, Bob Kellemen, e Steve Viars. Aconselhamento Bíblico Cristocêntrico. São Paulo: Batista Regular, 2016.
- Martins, Marcelo. Autismo: ajudando famílias. São Leopoldo: EST/PPG, 2015.
- Montenegro, Maria Augusta, Eloisa Helene Rubello Valler Celeri, e Erasmo Barbabte Casella. Transtorno do Espectro Autista - TEA. Rio de Janeiro: Thieme Revinter Publicações, 2018.
- Sadock, Benjamin J., Virginia A. Sadock, e Pedro Ruiz. Compêndio de Psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica. Porto Alegre: Artmed, 2017.

REFERÊNCIAS

- Silva, Ana Beatriz Barbosa. Mundo Singular: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- Surian, Luca. Autismo. São Paulo: Paulinas, 2010.
- Viars, Stephen. Crianças com necessidades especiais. São José dos Campos: Fiel, 2018.
- Williams, Chris, e Barry Wright. Convivendo com o autismo e síndrome de Asperger. São Paulo: M.Books, 2008.